

Mais perto da recuperação

Guaíra Flor
Da equipe do **Correio**

Lindauro Gomes 15.05.01

O clima é de expectativa no Hospital de Base. Dentro de dez dias, a instituição deve retomar as cirurgias cardíacas eletivas (marcadas com antecedência). Elas estavam suspensas há quatro meses por falta de antibióticos e equipamentos essenciais para garantir o sucesso da operação, como monitores para controlar as batidas do coração.

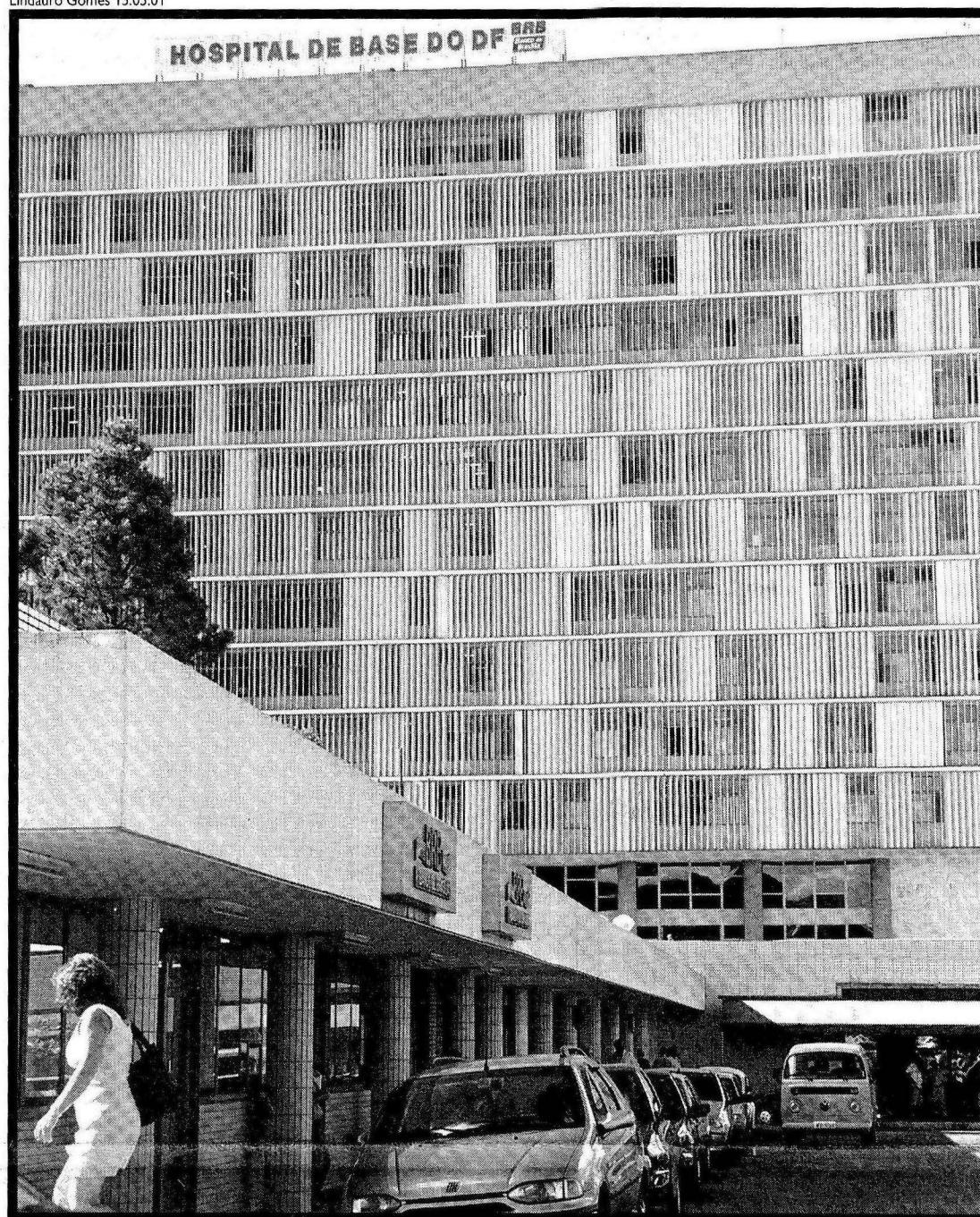
O setor recebeu novos materiais cirúrgicos como pinças, agulhas e fios de sutura. Também foi entregue, ontem, um novo monitor para acompanhar a frequência cardíaca do doente. Falta comprar medicamentos, antibióticos e reagentes indispensáveis para realização dessas intervenções. Os pacientes da lista de espera serão chamados assim que a unidade estiver pronta para funcionar. A direção do hospital não informou o número exato de doentes que aguardam tratamento. Sabe-se que a demanda reprimida é alta. No último ano, o número de cirurgias realizadas caiu de 40 para 8 por mês (total registrado em agosto).

A reabertura dessas operações foi anunciada seis dias depois da publicação de reportagens, no **Correio**, sobre a crise do HBDF. As matérias denunciaram a precariedade de condições de funcionamento da cirurgia cardíaca, da emergência e do setor de tratamento de câncer do HBDF.

O delegado Márcory Mohn, da 1ª Delegacia de Polícia, investiga denúncias de três mortes por infecção hospitalar na cardiologia. No pronto socorro, as suspeitas são relacionadas aos respiradores artificiais, que podem ter matado pacientes por asfixia. As máquinas são muito antigas, não contam com sistema de alarme e, por isso, podem parar a qualquer momento.

REAJUSTE

O Secretário de Saúde e diretor do HBDF, Aluisio Toscano, reuniu-se ontem com alguns diretores do hospital. Pediu aos médicos cuidado ao falar com a imprensa sobre a situação da instituição para não alarmar a população. No encontro, Toscano mostrou-se disposto a resolver os problemas da



OS SETORES MAIS GRAVES NO HOSPITAL SÃO O PRONTO SOCORRO, O TRATAMENTO DE CÂNCER E A CIRURGIA CARDÍACA

falta de medicamentos e equipamentos o mais rápido possível. Segundo um médico do HBDF, o secretário se comprometeu, inclusive, a pagar as parcelas atrasadas dos salários dos médicos residentes.

Três dias após a matéria sobre a crise no HBDF, os residentes do hospital entregaram carta-de-núncia à Justiça confirmando as precárias condições de trabalho no local. Eles também reivindicam o acerto de contas no salário. Em setembro do ano passado entraram em greve e garantiram aumento de 35%. A Secreta-

ria de Saúde fez um reajuste menor que o acertado (31,5%). Isso representa R\$ 49 a menos no contracheque da categoria.

“Somando todos os atrasados corrigidos, a Secretaria deve cerca R\$ 700 para cada um dos 600 residentes do DF”, diz Adriano Marcião, presidente da Associação Brasiliense dos Médicos Residentes (Abramer). “Na quarta-feira passada recebemos R\$ 128 retroativos de fevereiro e março. No dia cinco, quando sai o salário, vamos saber se eles vão dar ou não o aumento que prometeram.”

A questão é saber de onde serão retirados esses recursos. A Secretaria de Saúde destinou R\$ 10 milhões do Fundo de Saúde para o pagamento dos residentes durante o ano. Em agosto, 80% desse dinheiro tinha sido gasto. Sobraram R\$ 1,6 milhão, suficientes apenas para os contracheques de setembro e outubro.

No dia 18, os residentes se reunem para discutir se entram ou não em greve. “Nossa principal reivindicação é a melhoria das condições de trabalho. Só assim, garantiremos nossa boa formação profissional”, explica Marcião.

ENTENDA O CASO

I O problema da cirurgia cardíaca teve início em setembro do ano passado. Nessa época, começaram a faltar antibióticos e aparelhos de monitorização e bombeamento cardíaco. Por medida de segurança, os médicos reduziram as operações em adultos e, em outubro de 2001, suspenderam as cirurgias cardíacas em crianças. Há quatro meses, decidiram só operar em casos de emergência. Os pacientes que precisam de cirurgias preventivas têm de esperar o caso ficar grave para entrar no centro cirúrgico. Com o corpo fragilizado pela espera de até seis meses, entram na sala com quatro vezes mais chances de contrair infecção hospitalar.

I No pronto socorro, a crise também é antiga. Em dezembro do ano passado uma equipe do Conselho Regional de Medicina visitou o HBDF para verificar as condições de funcionamento dos respiradores. No relatório dos médicos, consta a seguinte anotação: “Boa parte dos respiradores não tem alarme para avisar possíveis defeitos. Como não há assistência de enfermagem à beira do leito, se a máquina parar por algum motivo, o doente corre o risco de morrer”.

I Depois de publicada a reportagem do **Correio**, dia 25 de setembro, sobre as mortes do HBDF, o secretário de Saúde Aluisio Toscano convocou o Conselho Regional de Medicina (CRM), Sindicato dos Médicos (SindMédico) e Ministério Público do DF para discutir um plano emergencial. Da reunião saíram as seguintes definições:

I 1) Transferir pacientes do pronto socorro do HBDF para outros hospitais da rede, onde eles não fiquem sujeitos a respiradores precários;

I 2) Firmar convênios com hospitais particulares para realização de cirurgias cardíacas que não possam ser feitas no HBDF.